

P653



REVISTA DO NORTE

ASPECTOS DE VIDA REGIONAL



1918-1919
Vol. 2501

3234

EM SUPPLEMENTO: INFORMAÇÕES
GERAIS SOBRE O BRASIL, NOTAS
- SOBRE A VIDA HISPANICA.

REVISTA DO BRASIL

CASA DOURA
Agencia de...
Mega...
Ant...
R. de ...

P653

PHASE 2^a

— AGOSTO DE 1926 —

NUMERO 2



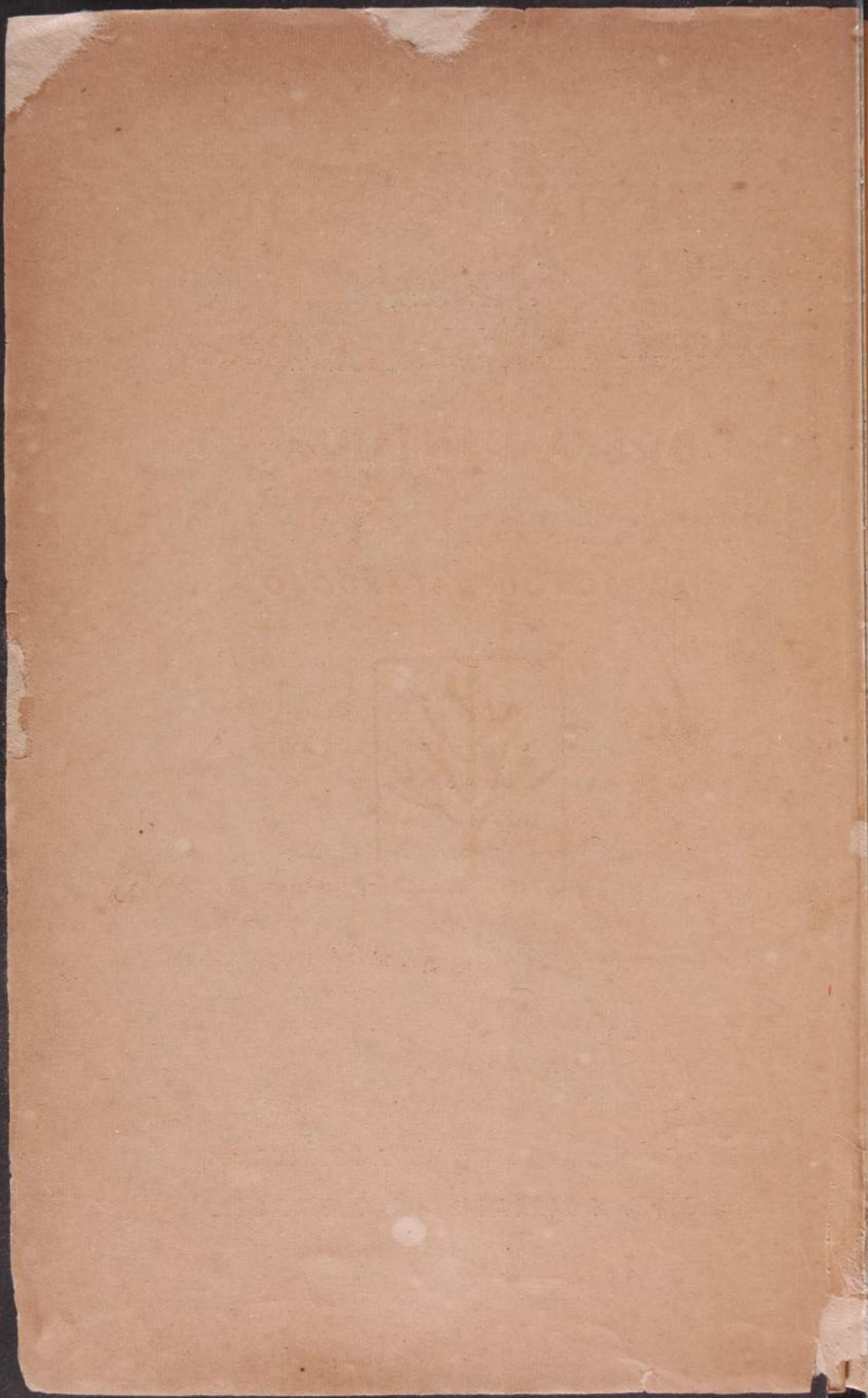
REVISTA DO NORTE

DIRECTORES: Joaquim Cardozo, J. M. C. de Albuquerque e Mello
e João Monteiro.

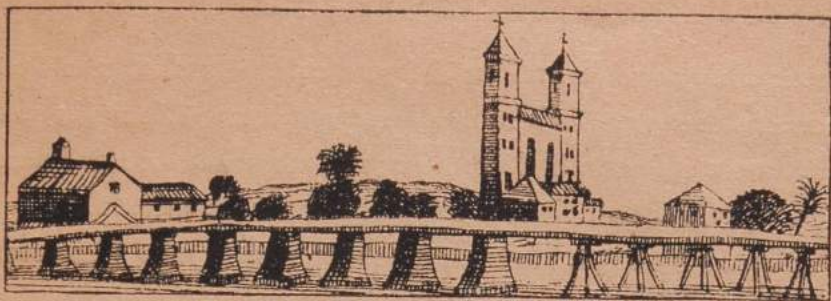
SERIE DE 12 NUM.—10\$000 — DE 6 NUM.—5\$000
NUMERO AVULSO—1\$000



PARA CORRESPONDENCIA: RUA NUMA POMPILIO 536
RECIFE, PERNAMBUCO, BRASIL.



i
P
un
do
das



SOBRE A PINTURA DE TELLES JUNIOR

Por JOAQUIM CARDOZO

TELLES JUNIOR foi pintor que teve predilecções, cuja obra oferece uma repetição de motivos permanentes expressos numa particular visão, orientada para um realismo attingindo ás vezes é certo e lamentavelmente a aridez fastidiosa e desagradavel de um documento. E o que é peor um documento de paizagem apenas.

No entanto, esta repetição de motivos permanentes, esta insistencia de pintar coqueiros, caracterizando-o como pintor do campo, para quem as edificações (mesmo quando antigas e pittorescas) e os typos populares, o homem em summa, eram quasi que inexistentes, colloca-o num plano superior aos pintores do seu tempo e mesmo superior á quasi totalidade dos pintores de hoje.

Porque nesta insistencia está a compreensão identificadora de uma paizagem característica de uma região, está a representação do scenario de uma vida social em inicio de formação apreendidas num relance de valores emotivos. E Telles Junior será por isso

*Repetição de
motivos
permanentes.*

mais tarde como Franz Post já é para os nossos dias, uma fonte curiosa de suggestões a se manifestar nas artes vindouras, a poesia, a pintura, as artes decorativas e applicadas e os seus futuros animadores terão nella uma companhia amavel e encantadora.

A esta quasi lyrica insistencia no reproduzir o mais interessante elemento de nossa paizagem, aquelle que empresta á massa verde da folhagem uma vibração intensa teria elle fornecido mais belleza e mais harmonia se realizasse uma obra de interpretação livre, um conjuncto de imprevistos e incidentes caprichosos. Uma surpresa. Porque a arte de Telles Junior não surpreende. Nem a natureza, nem ao observador.

*A arte de
Telles Junior
não surpre-
ende.*

A elle faltava a inquietação de um Cessanne, de um Signac ou de um Gauguin. Era calmo, sereno, contemplativo, faltava-lhe a pupilla aguda de um Cessanne esperando que os primeiros raios de luz do dia a nascer penetrassem no interior da Cathedral de S. Giorgio em Veneza para sentir todo aquelle interior deslumbrante reviver, surgir da sombra envolvente tomando novas formas que só elle áquella hora surpreendeu.

Diante das telas do pintor pernambucano não se tem a revelação de um temperamento unico, capaz de produzir um grande enthusiasmo; tem-se sim uma sensação de doçura e suavidade notavel como a de afflicção e tortura nos quadros do seu discipulo Walfrido Mauricéa.

*Não foi mo-
notona.*

Do que ficou dito acima não se conclua porem que a obra de Telles Junior foi monotona; pelo contrario é muito raro ter-se em pintura um conjuncto de tão variadas impressões; mas impressões verdadeiras, profundas, que penetram profundamente a sua sensibilidade para o desejo de reproduzil-as numa como desconfiança da execução, numa insatisfação amorosa e vibrante. Assim elle pintou

de um mesmo trecho de caminho, num intervallo de quatro annos, dois aspectos, fez da acção do vento nos coqueiros motivo para mais de um quadro, o rythmo isolado e altivo dos visgueiros altos, senhoriaes é tratado tambem por elle com frequencia, como ainda a entrada do porto do Recife que pintou diversas vezes.

Assim esta frequencia não resvalou para monotonia, ficou dentro de um regimen rythmico e agradável.

Mas era apenas um pintor do campo, um amoroso do verde e do corte vermelho dos barrancos, um pintor dos suburbios a quem o Recife—cidade em que viveu a maior parte da sua vida—a quem o Recife pittoresco do seu tempo em quasi nada impressionou, á sua visão escaparam essa grande exhibição de fachadas que o rio proporciona, a vida das pequenas ruas cheias de flagrantes maravilhosos, o caprichoso conjuncto dos telhados, das pontes e das aguas, a vida do rio com os estaleiros de alvarengas e barcaças, com as barcaças que saem barra a fóra, e os mangues, e a pesca nas gambôas, tudo expressões de vida pernambucana que o meu amigo Manuel Bandeira com a mesma amorosa insistencia de Telles Junior vae reunindo e colleccionando e ainda dentro de uma vibração de pintura nova, intuitiva, original, sua.

Repito foi um pintor do campo e de marinhas, não praticou a natureza morta, nunca teve geito para o retracto e mesmo para as figuras.

Inhabilidades que definem a sua sensibilidade—observando o valor da capacidade de visão sobre a sensibilidade e exprimindo-a numa noção de distancia—que o impellia á sensação dos panoramas e que era pobre de mais para attingir o effeito pittoresco de mais perto como succede na natureza morta ou no retracto.

E não lhe era extranha esta impossibilidade, esta impotencia da

*Era apenas
um pintor do
campo.*

sua arte, d'ahi abandonar completamente o retracto, genero de trabalho que tentou varias vezes, dedicando-se exclusivamente á paisagem; porque mesmo as marinhas não eram objecto de sua muita predilecção, muitos são os quadros de Telles Junior, é verdade, onde ha trechos de mar em que as ondas apparecem agitadas ou mansas mas era porque elle queria pintar a praia com os coqueiros, a vida intensa dos coqueiros e perto estava o mar. Então pintava-o. Mas não foi um pintor de marinhas um artista que pouco se preocupou com as embarcações, com o conhecimento da apparelhagem náutica, não estudou nem sentiu as variações athmosphericas no mar largo, as multiplas disposições dos grandes céos marítimos. Se pintou marinhas não teve por ellas uma verdadeira attracção como Castagneto (*) este originalissimo Castagneto que vivia com os olhos postos no mar, na vida do mar.

E isto muito particularmente porque como disse acima a sua sensibilidade ou o seu poder sensorial não surpreendia e voltava-se para um campo mais facil, que era o horizonte limitado das mattas sem imprevistos de perspectiva aerea.

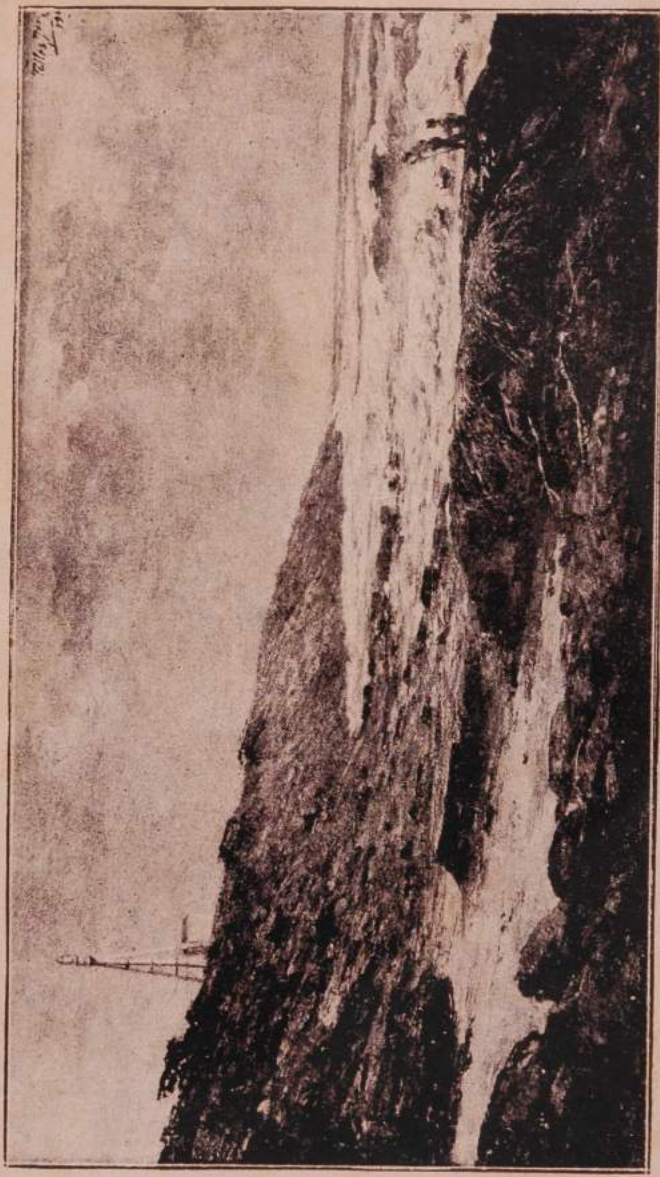
E não só por isto. Tambem porque para sentir o mar não basta viver perto d'elle, precisa de alguma forma ser filho de pescador como Castagneto, ter lidado com elle, ter sentido todos os seus caprichos, as suas revoltas, ou trabalhado na faina de bordo, no rude serviço de colher amarras e soltar vellas.

Motivos muito ricos de pintura que fugiram á pupilla extatica do pintor.

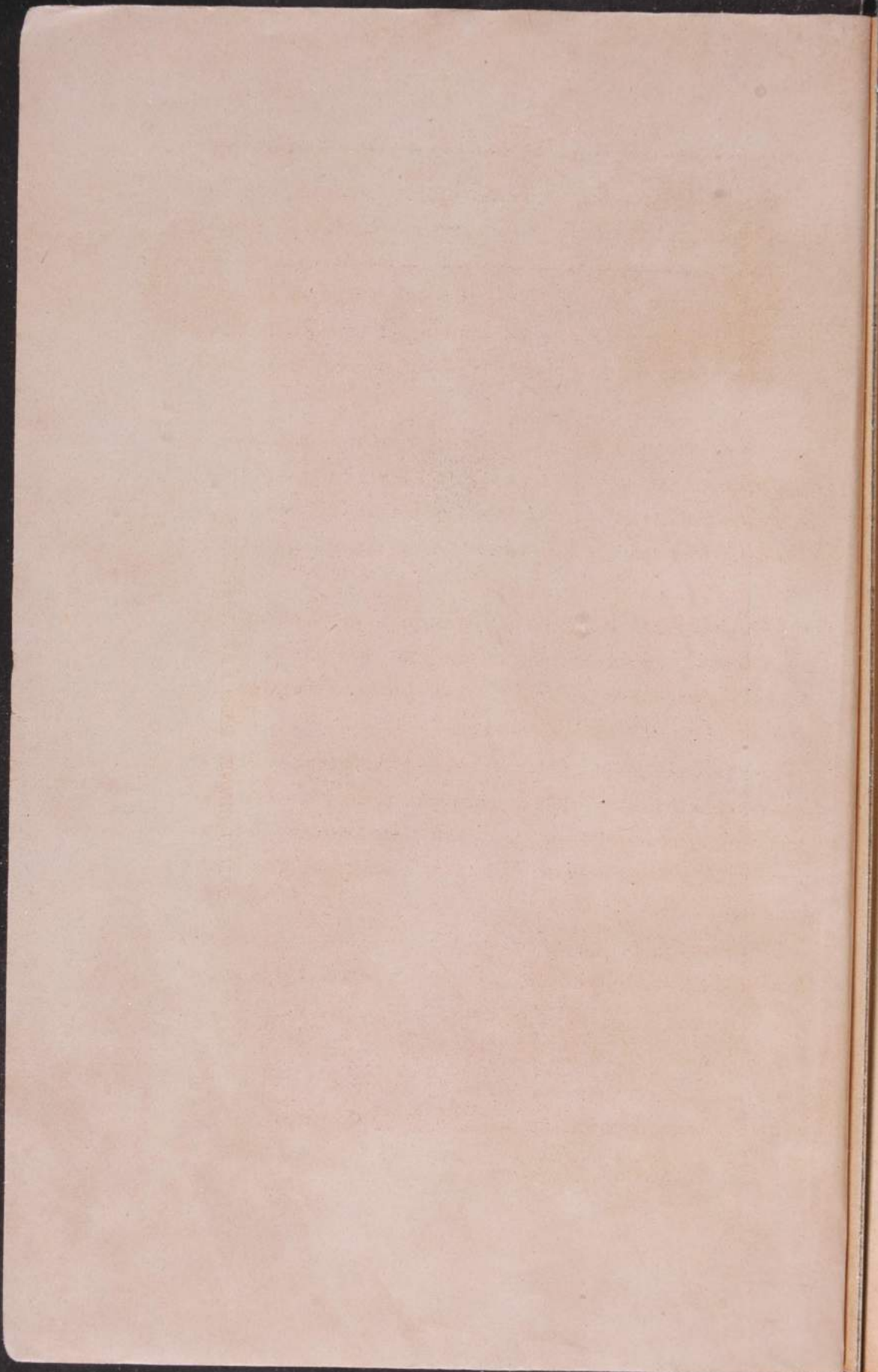
Outros motivos muito ricos de pintura que fugiram á pupilla extatica do pintor Telles Junior foram as perspectivas das velhas egrejas, das velhas casas coloniaes, as festas populares, religiosas, carnavalescas com um colorido de muito sabor tropical, de muita ale-

(*) Gonzaga Duque—CASTAGNETO—GRAVES E FRIVOLOS.

to, genero de tra
usivamente á pa
cto de sua miza
or, é verdade, on
ecem agitadas o
om os coqueiros
Então pintava-
pouco se proce
da aparelhagem
hmosphericas no
os marítimos. Se
atracção como
ue vivia com
acima a sua se
dia e voltava-
tado das matta
o mar não basta
de pescador co
dos os seus ca
bordo, no rade
m á pupilla ex
as velhas egre
religiosas, car
l, de muita ale
OLOS.



TELLES JUNIOR—CABO DE S. AGOSTINHO.



t
s
t
n
q
d
q
ris
te,
zo
me
nha
sen
de r
to a
A
te an

(*)

gria. Como se olharia mais tarde, hoje mesmo, com intima satisfação para as telas que nos descrevessem todo o ritual das procissões antigas, do antigo carnaval, as ruas cheias de gente, o vermelho e os roxos festivos dos estandartes e das bandeiras. Bons assumptos para a documentação colorida e dos quaes possuimos actualmente uma descripção muito vaga na cinza dos desenhos a carvão da epoca. Bons assumptos e ainda hoje bem raros são os pintores que se abalançam de tratá-los, raro um Di Cavalcanti com seu *Cordão*, rarissimo um V. de Rego Monteiro com as suas illustrações de lendas amazonicas (*) onde estuda as physionomias de nossos indigenas como Gauguin estudava as dos indios Maoris.

É extranho que havendo tantos pintores no Brazil não haja um que eu saiba tivesse a lembrança de fixar flagrantemente de uma multidão mestiça numa festa de igreja ou num baile de club carnavalesco.

Absolvamos portanto Telles Junior desta falta e ainda mais porque não a commetteu para fazer uma obra fraccionaria e incaracterística como muitos trazem na sua bagagem artistica, misturadamente, as pontes de Paris, os canaes de Veneza, os igarapés do Amazonas e até os jardinsinhos da capital paulista.

Elle fez a paizagem de Pernambuco, a paizagem tão só; o homem entra nos seus trabalhos como um *decor*, como estas figurinhas que se poem nos projectos de architectura para compor o desenho. Nem mesmo o trabalho humano cheio de uma palpitação de movimento tão intensa mereceu a este apaixonado do movimento a mais ligeira observação.

Apaixonado do movimento, antes obediente do movimento. Este artista que foi exclusivamente pintor da matta como disse Oli-

Apaixonado do movimento, antes obediente do movimento.

(*) LEGENDES ET CROYANCES DES AMAZONES.

veira Lima, (*) que apenas fez paizagem de documento, sem a interpretar, como disse Gilberto Freyre, (**) foi sempre um obediente do movimento.

Não estava na sua vontade, não era desejo seu animar todas as coisas, fazer em torno de sua arte agitação continua, não uma força imperiosa de sentir mudanças de posição, deslocamentos de contornos, não era um seu valor interior a se expandir, a se dilatar num dominio sobre as coisas ao alcance de sua visão, era o poder exterior da natureza agindo sobre a sua sensibilidade, submettendo-a ao fascínio da rapidez, do desordenado, do impeto. Obediencia.

E não era expressão suggestiva, esta expressão suggestiva que fez os architectos do estylo gothico aproveitarem as linhas rectas em feixe com o fim de realizar o movimento para o alto. Numa an-ciedade de prece.

Sem interpretar, sem imaginação, presa por influencias estranhas de uma necessidade de mover-se tão constante e tão aguda, elle bem conseguiu entretanto um bello dynamismo de paizagem.

E ahí uma outra razão da sua insistencia em pintar paizagem de coqueiros, não ha outra em que o movimento seja mais nítido, mais visível e mais complexo. Ha uma mobilidade minuciosa, variadíssima, do tronco ás palmas, que concorda bem com a sua technica toda de pormenores e precisão.

E agora sem considerar a observação de Gilberto Freyre quanto a ausencia de interpretação na pintura de Telles Junior, não só em relação ao movimento e á forma como em relação á côr, registre-se que se ao menos ao movimento elle obedeceu a côr, exceptuando

(*) Oliveira Lima—artigo publicado no KOSMOS. (**) Gilberto Freyre—A PINTURA DO NORDESTE. Livro do Centenario do Diario.

o verde, elle esqueceu. Esqueceu especialmente o colorido dos cajueiros roxos das folhagens novas, de uma tonalidade verde magenta, numa gradação quasi musical de côres quando os verdes vão repontando um a um sobre as folhas tenras. É o colorido vivo dos mulungús, dos flamboyants floridos toda a festa maravilhosa e polychromica destes longos verões do Nordeste tão ricos e tão prosperos.

Ao pintor pernambucano, mais observador do que contemplativo, esta paisagem que ahí está á espera de pintores teria sido objecto de muitos quadros se elle não encontrasse mais facilidade na sua observação dos coqueiros, dos visgueiros, do entrançado das matas.

E foi levado por esta pintura facil, executada quasi á primeira impressão, sem torturado trabalho interior, mais cheio de uma vibração muito prolongada, muito alegre e vicejante que elle pintou durante annos a paisagem de Pernambuco.

E pintou quasi unicamente os verdes, esses admiraveis verdes tropicaes que se estendem sobre as terras planas do Nordeste, compondo-os carinhosamente na sua palheta e depois sobre a tela batendo-os com a espatula ou esgarçando-os nervosamente com a felpa dos pinceis.

Deixo falar Gilberto Freyre cuja agudeza de observação agil melhor do que ninguem penetrou a soberba harmonia destes verdes: «Reconheça-se o interesse cada vez maior para Pernambuco da obra de Post e sobretudo da de Telles Junior, o mestre admiravel, por outro lado convem reconhecer que nenhum delles nos deixou interpretações desse verde que nos delicia e nos enlanguece e nos serve talvez para attenuar e suavizar um temperamento ainda assim tão

Pintou quasi unicamente os verdes.

ardente». (*) Verifica-se no entanto que o pintor de "Velho visgueiro," do "Dia" tratou da melhor forma que se podia fazer no seu tempo a côr intensa da nossa folhagem e se não fixou como agora o pintor De Garo e a pintora Fedora Monteiro Fernandes mostrando «o verde doentio dos mangues e o verde vivo e puro dos coqueiros adolescentes; o dos cajueiros, mosqueado de amarello e das mangueiras; o das convulvulaceas salpicadas no verão de fructos bravos e o do mar tropical que é dos mais rebeldes á fixidez», ao menos revelou uma predilecção sobre todos os modos bem notavel.

*A exactidão
da paisagem
regional.*

O principal valor da obra de Telles Junior é a exactidão da paisagem regional, exactidão romantizada por um sentimento mixto de tristeza e alegria.

Na formação intellectual e sentimental de nossas mocidades este valor devia ser como que uma força de attracção para a terra pernambucana, para a vida do campo.

Nos seus quadros está a primeira lição do nosso futuro gosto decorativo, não uma lição de mestre carrancudo e severo, com ar insupportavel de sabio inaccessible e perfeito, mas como um doce conselho de avô.

É apesar dessas constantes influencias estrangeiras, apesar dessa frequente interrupção na nossa expressão nacional por estes movimentos imigratorios, elle será a primeira e nunca apagada tendencia, o primeiro esforço, incompleto é verdade, mas sincero e sentido, para a manutenção de nossos valores.

(*) Gilberto Freyre—artigo publicado no "Diario de Pernambuco."

de "Velho vir-
lia fazer no se-
ou como agora
ndes mostran-
ro dos coquei-
amarello e des-
ão de fructos
á fixidez", ao
bem notavel.

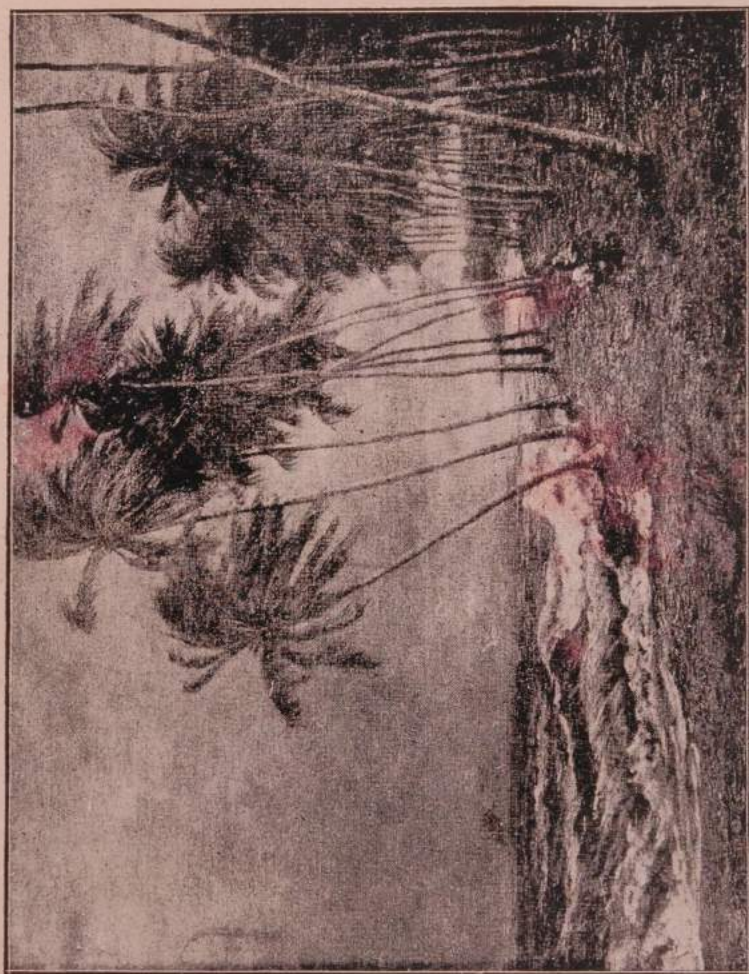
ctidão da pai-
ento mixto de

ocidades este
a a terra per-

uro gosto de
o, com ar in-
um doce con-

apesar dessa
r estes movi-
da tendencia,
e sentido, pa-

ernambuco."



TELLES JUNIOR—RIO DÔCE.

se
se
so
pr
os
me
gi
flo
K
to
idé
rev
ous
les
mer
indi
qua
a v
a lig
mas
E
de M
gras
gem
nos r

É lamentavel porem que sendo o pintor Telles Junior tão necessario orientador para a gente joven seja tão difficil conhecer os seus trabalhos.

*Telles Junior
necessario
orientador pa-
ra a gente
joven.*

Elles estão por ahí espalhados em collecções particulares, diversos ainda na posse da sua familia sem que qualquer governador ou prefeito se lembre de collocal-os em presença de todos aquelles que os precisa ver.

A obra de Telles Junior é a mais verdadeira, a mais harmoniosamente sentida paizagem regional brasileira. E sob a expressão de regional encarando os diversos aspectos que esta pode apresentar de flora propriamente nativa e transplantada.

Oliveira Lima como que quer suggerir em artigo publicado no KOSMOS de 5 de Maio de 1905—aliás o melhor trabalho escripto sobre Telles—a inferioridade da sua paizagem do litoral com a idéa de justificar-o em pintor da matta, no emtanto fazendo devida reverencia que merece o grande espirito do Snr. Oliveira Lima eu ousou dizer que ha egualdade de significação em toda a obra de Telles Junior e quanto a ser pintor da matta elle não o foi completamente uma vez que trabalhando sempre ao ar livre não deixou das indicações da vida da região senão o scenario ás vezes distante, quasi indistincto, dando por exemplo a quem não esteja habituado a ver os trabalhos agricolas e de moagem nos engenhos de assucar a ligeira percepção de um sitio onde vae se realizar qualquer coisa mas que de facto não chega a se realizar.

*Pintor da
matta.*

Em toda a obra do pintor não se encontra um quadro como o de Modesto Brocos representando uma "casa de farinha," as negras sentadas pellando mandiocas, todo o movimento e apparellagem da fabrica bem visiveis. São sempre desenvolvimentos de planos mais ou menos afastados, avistando-se a cada passo o contor-

no de uma edificação isolada, emoldurada de arvoredo. Tinha o gosto de ver de longe o pintor Telles Junior, tons azulados, céos longínquos, céos distantes, muita luz favorecendo a analyse de tons que é a sua technica e a expansão da sua sensibilidade de nativista que amava o trabalho como um conforto de contemplação, simples e natural prazer.

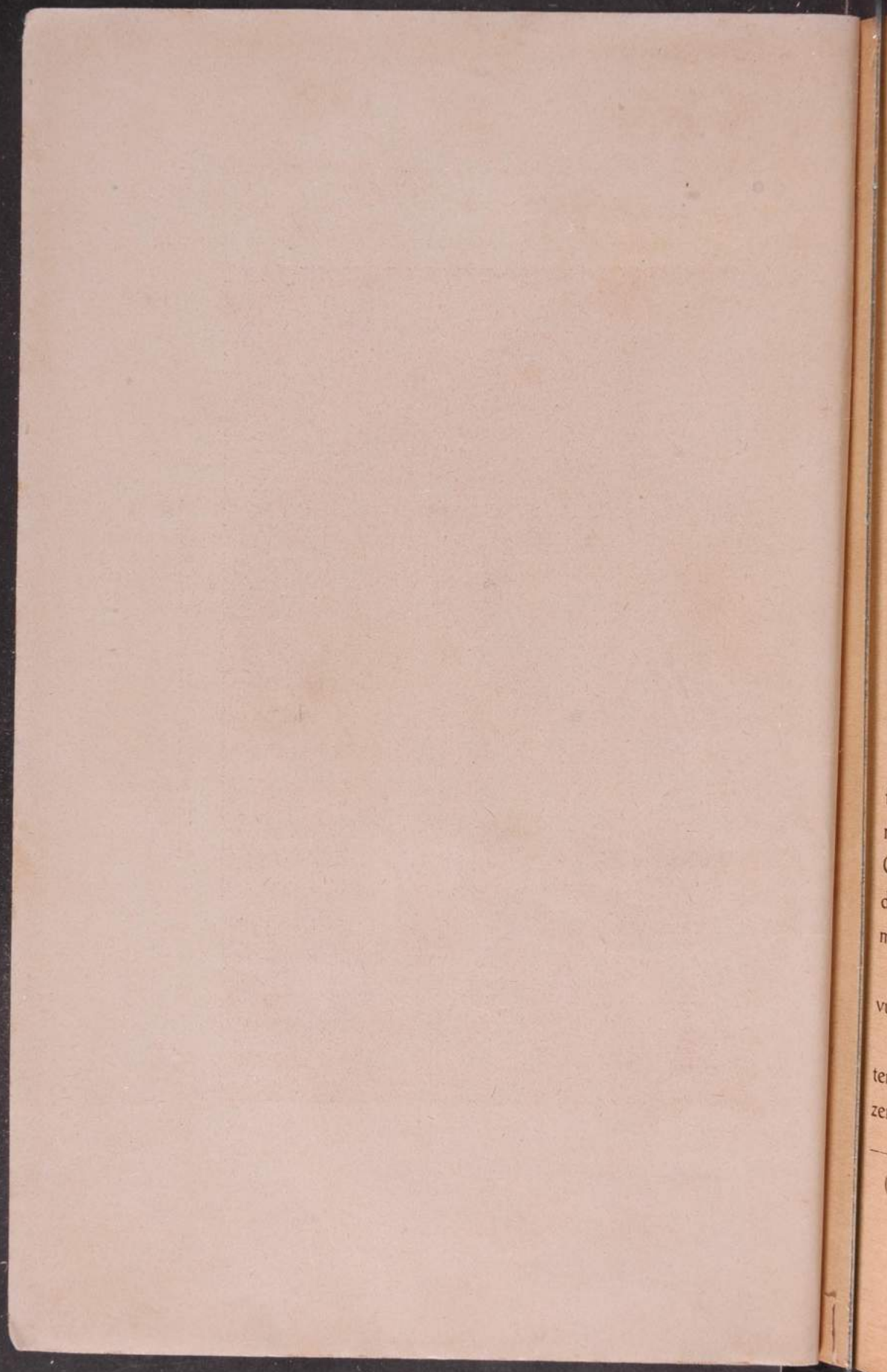
Pois não se diga que este arraigado sentimento de região foi uma coisa procurada, uma pose artistica como o indianismo de José de Alencar e o regionalismo do Snr. Mario Sette trabalhosamente architectados na imaginação traindo a cada passo atravez da simplicidade rebuscada uns surtos de eloquencia volumosa e ardorosa muito contrariamente á intensão destes escriptores; o pintor soffreu parece uma filtração ambiente continuada e lenta durante toda a sua vida uniforme a produzir uma obra inteiriça sem desvios para outros objectivos, sem revoltas, na certeza de possuir uma verdade indestructivel. Dahi a sua pintura sem commentario, sem insatisfações e sem critica. Um puro estado de alma romantica fazendo-se realização espontanea.

O pintor soffreu uma filtração ambiente.

Este caracter de calma uniformidade no sentimento da natureza torna-se mais em evidencia fazendo-se um confronto com os quadros de Walfrido Mauricéa; o artista parecendo mesmo «um holandez com o seu rosto gordo e corado, suas finas barbas louras» com os seus oculos pelos quaes se coava «um olhar cheio de bonhomia» mostrava pela physionomia tudo quanto tranquillo ha revelado na sua arte. Olhe-se por exemplo dois dos mais agitados dos seus quadros "Ventania" e "Golpe de vento" e sente-se a tranquillidade dos detalhes, a precisão da minucia—no primeiro a acção prolongada, incessante da ventania, no segundo as folhas revoltas batidas de um choque imprevisto—minucia toda resultante de uma



TELLES JUNIOR—CHEIA DO CAPIBARIBE.



observação demorada e fria; os dois quadros com toda a movimentação impetuosa que possuem foram pintados por um temperamento sem crises de inquietação ou de paixão.

Telles Junior que tinha na maioria de seus quadros um como cuidado de lhes dar um centro de visão, um ponto que fosse a atracção principal do olhar, que teve esta predilecção aguda pela paizagem, que possuía tanta faculdade de observação, revela-se-nos um pintor espontaneo, sem esta qualidade de rapidez, esta agilidade à *outrance* que espanta os ingenuos e os tolos como os admiraveis passes de prestidigitação fazem a alegria ruidosa dos garotos num circo.

O sentimento da espontaneidade no seu valor predominante, instinctivo e feliz frequenta os melhores trabalhos de Telles Junior.

E se elle não resvalou para a agilidade, este immediatismo superficial que era uma atracção na pintura de Emilio Rouede, pintor de marinhas "electricas" nas kermesses de caridade, como nos diz Gonzaga Duque, (*) tambem não teve talentos de pesquisador, não desvirtuou a sua arte puramente emotiva, interpretando-a litteralmente sem procurar expressões nem formular preceitos a seguir.

Foi espontaneo e livre na sua sensibilidade impressiva. Teve bravura e energia.

Friso aquí a sua maneira espontanea porque havendo nelle uma tendencia para o menor esforço pois, como já tive occasião de dizer, nunca se entusiasmou por outro genero de pintura que não fos-

(*) Gonzaga Duque—GRAVES E FRIVOLOS.

se a paisagem, numa verdadeira indolência que o arrastava para o mais facil, não motivou esta tendência a satisfação interior de fazer rapidamente, de surpreender pela execução em poucos minutos.

Telles foi assim regionalista no bom sentido do termo. E é esta a expressão da sua pintura que por ser paisagenada ficará sempre presente muito embora perdendo a sedução da distancia no tempo que teria por exemplo se ella fosse fixadora de costumes, revelando mais tarde o geito, a linha característica da epoca, através das festas populares, dos generos de habitação, da moda etc..

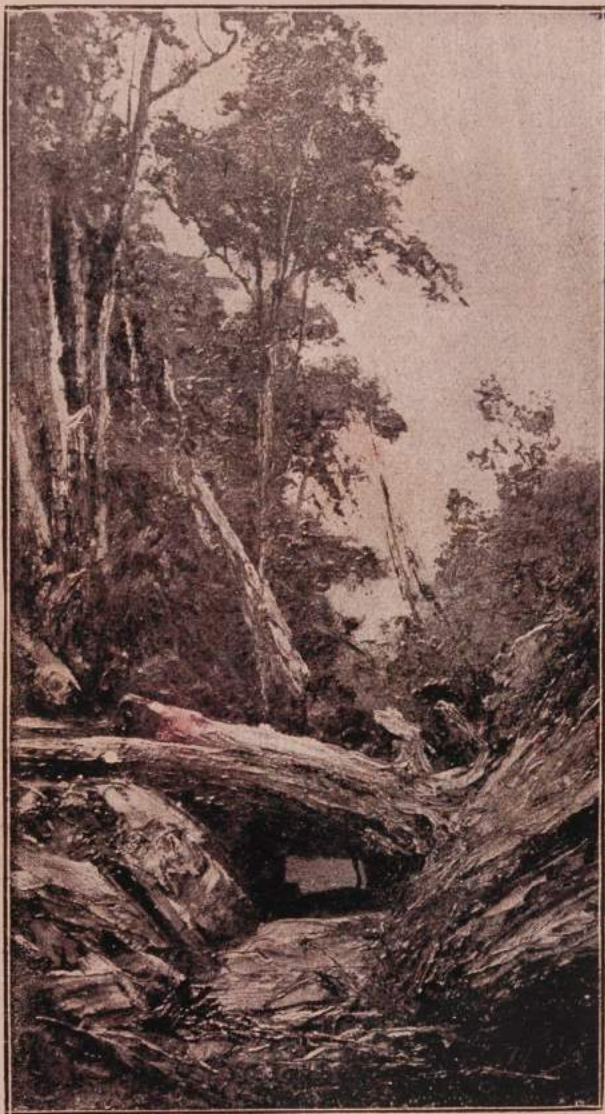
Mas isto era o homem, a acção varia, inconstante através dos tempos e Telles Junior não se enthusiasmava por ella.

É até lamentavel que tendo uma tão grande preocupação de pintar o porto do Recife—e o porto do Recife daquelle tempo, antes das demolições e das avenidas novas, com os caes ensombrados pelas gamelleiras ponto de reunião de vendedores ambulantes de um pittoresco deliciosamente brasileiro e imperdoavelmente desprezado pelos artistas da epoca—não tivesse elle penetrado mais intimamente na vida do porto do Recife acompanhando os embarcações, os marinheiros que se refaziam da monotonia de bordo nos cafés e pequenos restaurantes dos arredores tão typicos, tão cheios de côr local e que seriam para nós hoje que já quasi os não possuímos uma doce alegria para os olhos e seriam ainda uma analyse dos caracteres estrangeiros em contacto com a população quasi toda mestiça da nossa gente pobre.

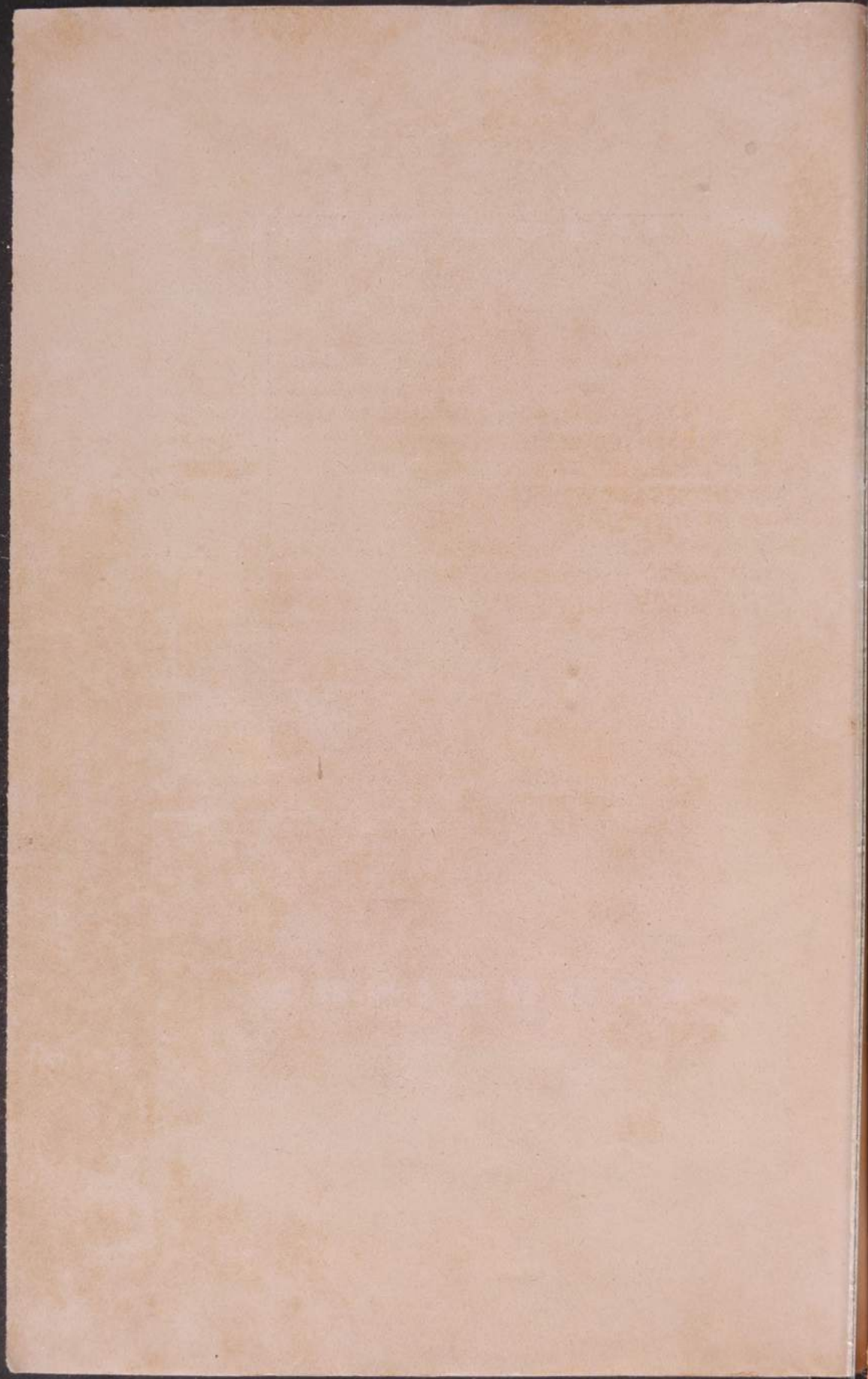
Parece mesmo olhando-se as telas do porto do Recife que o pintor é um estrangeiro e—aquí desaparece toda significação regional de Telles— que olhou a cidade de longe, superficialmente—em verdadeiro contraste com as suas outras telas.

E dizer-se que elle empregou nestes quadros tanto tempo e tanto

arrastava para
o interior de faz
cos minutos.
termo. E é esse
da ficará sempre
tância no tempo
tumes, revelando
através das fe
etc..
nte através do
a.
reocupação de
uelle tempo, an
caes ensombra
res ambulante
avelmente des
penetrado mai
ndo os embar
a de bordo nos
cos, tão cheios
os não possui
na analyse dos
ão quasi toda
ife que o pin
ação regional
nte—em ver
empo e tanto



TELLES JUNIOR—TRONCO CAHIDO.



c
r
m
d
d
a
m
d
g
V
co
si
M
Fe
a
S
pi
me
de
ze

dinheiro (porque são quasi todos de grandes dimensões) e até mesmo para fixar uma simples maneira de desembarque de passageiros dos grandes paquetes que não podiam entrar no porto, uma coisa vulgar e mesmo de alguma maneira humoristica, elle compoz um grande quadro quando poderia exprimir-o melhor num simples desenho.

Talvez encontre-se ali um erro de proporção que eu tento explicar-o notando que no início da sua vida elle foi destinado a carreira de bordo e a importancia que ainda joven elle deu a este facto não se apagou de todo e achou que o Araguaya no porto lembrando um cartaz de companhia de vapores podia assumir proporções de um grande quadro, resultando apenas um trabalho demorado que a photographia nos dava com mais precisão e mais rapidez.

Um erro de proporção numa obra tão meticulosamente certa mas explicavel não só pelo que está acima mais ainda por ser um dos seus unicos quadros onde ha commentario e alguma preocupação mental, elle sendo um pintor tão avesso ás preocupações mentaes.

Jeronymo José Telles Junior nasceu no Recife a 2 de Agosto de 1851. Viveu alguns annos no Rio Grande do Sul onde trabalhou numa casa commercial. Foi depois ajudante de machinista a bordo do vapor brasileiro "União." Estudou desenho e o officio de limador no Arsenal de Marinha da Côrte do Rio de Janeiro, destinando-se a carreira maritima. Fez tambem alguns estudos no Lyceu de Artes e Officios. Voltando a Pernambuco, empregou-se por algum tempo na casa commercial do Snr. Francisco da Costa Guimarães, dedicando-se depois inteiramente á pintura. Eleito socio do Lyceu de Artes e Officios de Pernambuco promoveu as seguintes exposições artistico-industriaes: em 11 de Dezembro de 1881, 17 de Dezembro de 1882, 16 de Dezembro de 1883, Dezembro de 1884, 20 de Dezembro de 1885, 12 de Dezembro de 1886

e 22 de Dezembro de 1887. Abandonando depois o Lyceu, fundou com Chrispim do Amaral, Gervasio Saraiva e outros a "Sociedade Pedro Americo," mantendo por este tempo o seu "atelier" á rua Barão da Victoria./No regimem vigente foi deputado estadual. Morreu a 14 de Maio de 1914.



a virgem maria

O oficial do registo civil o colector de impostos o mordomo da Santa Casa de Misericordia e o administrador do Cemiterio de S. João Baptista

Cavaram com enxadas

Com pás

Com as unhas

Com os dentes

Cavaram uma cova mais funda que o meu suspiro de renuncia

Depois me botaram lá dentro

E puseram por cima

A S T A B O A S D A L E I

Mas de lá de dentro do fundo da treva do chão da cova

Eu ouvia a vozinha da Virgem Maria

Dizer que fazia sol lá fora

Dizer insistentemente

Que fazia sol lá fora

A N D O R I N H A

Andorinha lá fora está dizendo

"Passei o dia atoa atoa"

Andorinha andorinha minha cantiga é

mais triste

Passei a vida atoa atoa

Madrigal tão em graçadinho

**Quando eu tinha seis anos
Ganhei um porquinho da Índia
Que dor de coração eu tinha
Porque o bichinho só queria estar debaixo do fogão**

**Levava êle prá sala
Pros lugares mais bonitos mais limpinhos
Êle não se importava queria era estar
debaixo do fogão**

Não fazia caso nenhum das minhas ternurinhas

O meu porquinho da Índia foi a minha primeira namorada

OFERTA

Teresa você é a coisa mais bonitinha que eu vi até hoje na minha vida inclusive o porquinho da Índia que me deu quando eu tinha seis anos

MANUEL BANDEIRA



DE GARO-

desenho inédito

DE

DE GARO

*



Ca

no se
prehe
mo fa
meo
ra alg
exame
a terra
quec
ramen
dicca
rio, su
que se
nia car
nos an
ressad
pratico



C A R A C T E R

Por *MANOEL LUBAMBO*

COMPREHENDIDA a palavra *povo* no seu mais alto sentido, no seu sentido mais intellectual, no sentido, por ex., em que a comprehendia Maurice Barrès, será licito falar dum povo brasileiro, como falamos dum povo inglez, dum povo hespanhol, ou dum povo mexicano? Dolorosa pergunta, esta, dolorosa pergunta que só agora alguns reaccionarios começam a fazer a si mesmos, num como exame de consciencia, ao primeiro esforço introspectivo de exaltar a terra, conciliando-a com sua tradição tristemente quebrada e esquecida. Certo, sob o criterio meramente geographico, ou o grosseiramente mercantil de productor de café, assucar e farinha de mandioca, temos amplos direitos á etiqueta de *povo*. Mas sob o criterio, superiormente intellectual, da physionomia, do caracter, da côr, que seremos nós afinal? Não temos um espirito ou uma physionomia caracteristicamente nossa, não temos costumes nossos, não temos arte. Não nos anima a vida nenhum ideal nobremente desinteressado. Somos um povo sem nenhuma das qualidades dos povos praticos, e com todos os seus defeitos. Não temos rythmo. No ary-

*Uma pergunta
afflicta.*

*Indigencia in-
tegral:*

de rythmo,

thmico da "capoeira" — uma das raras coisas que possuem aqui um *cachet* genuinamente nosso — eu encontro a melhor caracterização para a nossa indole dissoluta e descompassada. A "capoeira" é a nossa expressão nacional, a nossa expressão, vivamente, fundamentalmente, nacional. E á luz da "capoeira" — como Lafcadio Hearn em JIUJUTSU, um daquelles ensaios sobre o Japão em que não é possível aprofundar mais o *insight*, nem chegar a um mais intimo gráo de *sympathia* com condições de vida as mais estranhas a olhos de occidentaes — pode-se estudar todo o desenvolvimento em zigzag da nossa historia — da nossa historia politica e social, como da nossa historia artistica e mesmo da nossa historia religiosa. Ha, com effeito, qualquer coisa da "capoeira" nessa historia religiosa onde ha padres que fazem revoluções, e morrem em nome de Jesus pela sua terra, e assumem, temporalmente, regencias, e onde bispos são presos...

de visão pro-
pria,

Não temos uma visão das coisas, uma visão imaginativa das coisas, inconfundivelmente nossa — visão no japonéz tão forte que é capaz, como naquella gravura que eu vi, no outro dia, em *London News*, de submeter ao character do seu traço obliquo até mesmo a linha geometricamente vertical duma rua de Nova York. Dessa deficiencia vem toda a pobreza da nossa arte: si não vemos a nossa paisagem com olhos proprios, mas com os olhos postiços duma cultura que é um adulterio, temos necessariamente de cahir na imitação.

de idealismo.

Falta-nos qualquer idealismo — sobretudo o religioso, o idealismo lyricamente religioso que fez, por ex., a civilização arabe e o que, nascido do contraste do islamismo com o christianismo, dá ainda hoje aos povos ibericos toda a força de sua vitalidade. Aquelle espirito colonial, de que fala Gonzaga Duque com acrimonia, (*) inge-

(*) « Era este o povo da colonia; povo enfraquecido e beato, que

nuo, devoto, beato, mas de qualquer forma unguido dessa religiosidade que procura encontrar na arte sua expressão, como no caso da architectura gothica, o qual clamava por templos e conventos, aquelle mesmo nos falta. A flama creadora daquelle momento, aproveitada e controllada ou exaltada por alguns genios, daria talvez o mais interessante movimento artistico de nossa historia. Gonzaga Duque, na sua antipathia pelo enthusiasmo mystico do povo daquella epoca, certo não leu estas palavras de Emerson: *Good churches are not built by bad men; at least there must be probity and enthusiasm somewhere in the society.*

Infelizmente, esta fome de architectura religiosa — que tão bem se expressava no barroco dos jesuitas, onde o retorcido das volutas parece indicar qualquer coisa da contingencia humana diante de Deus — limitou-se quasi que ao Brasil colonial. O Brasil colonial — na uniformidade de linhas de sua architectura, na côr da sua religiã, no seu espirito ancioso de emancipação, no rythmo todo de sua vida — parece que possuia qualidades mais fortes de nação do que este pobre e mutilado Brasil de hoje. Não faço paradoxo. Independencia politica não dá feição a povo nenhum. E ha certos povos, privados de liberdade — como por ex., o irlandez e o polaco de antes da guerra e até mesmo esses admiraveis cubanos em quem o caracter ibérico se projecta victoriosamente, mesmo sob o protectorado dos U. S. A. — que merecem mais honestamente foros de cidadania do que outros que possuem hymnos, exercitos, armadas, berrantes côres nacionaes, mas não possuem caracter. Caracter... Só o possuímos, vi-

pedia instantemente a edificação de conventos para freiras, como famintos pedem pão. No dia em que se começaram as obras do convento da Ajuda o regosijo e os applausos publicos foram estrondosos: o ideal estava realisado.» —Gonzaga Duque.—A ARTE BRASILEIRA.

*Os começos
duma floração
artística
cedo desapparecidos.*

*A triste inversão de
nossa realidade
de politica.*

A Igreja—ultimo reducto da nacionalidade.

Sua acção esthetica.

vo, marcado, inconfundivel, no periodo colonial, quando continuavamos aqui a tradição da península. Na continuação dessa tradição é interessante o papel que coube á Igreja Catholica. Interessante tambem é o papel da Igreja como guarda e refugio do nosso pequeno legado artistico. Foi nas paredes, nos tectos, nas sacristias e nos altares de velhos mosteiros e conventos, que a nossa arte escreveu os seus primeiros traços de creança. E no cinzento da vida actual, que um epicurista da côr como o pintor De Garo já uma vez indicou e lamentou em curiosa conferencia—a Igreja Catholica destaca-se festivamente pelo vivo colorido e o encanto, não só mystico como artistico, de sua liturgia. A Igreja Catholica possui esta virtude magica: que exalta o pobre mortal a um tempo pela religião e pela arte, sendo de notar a acção que a sua liturgia—obra prima de todas as artes a que não falta mesmo o rythmo da chórrea—tem exercido sobre alguns espiritos. Eu conheço catholicos que só o são estheticamente. Catholicos como aquelles devotos de que fala Pope num passo do seu poema, os quaes

... to church repair,

Not for the doctrine, but the music there.

Mas vejo que vou fugindo insensivelmente ao meu assumpto. A influencia esthetica da Igreja, no Brasil, é, decerto, um dos aspectos mais pittorescos da nossa historia. Mas o seu grande merito está antes no papel, que ella vem desempenhando, de depositaria e continuadora da tradição hispanica, no Brasil. Um capitulo interessantissimo da nossa historia, ainda por escrever com o desenvolvimento que merece, seria, por ex., o da acção catholica em Pernambuco durante o dominio hollandez, o da acção que o monge Manoel do Salvador, sob o favor de sua estreita intimidade com Mau-

A Igreja e a tradição hispanica.

ricio de Nassau, aqui desenvolveu em benefício da Igreja, o da resistencia do povo ás predicções calvinistas. O bello, porem, é que o espirito catholico do povo não só resistiu ao calvinista, como chegou mesmo, heroicamente, a progredir no seu fervor. E se ergueram templos e capellas, e missas se disseram, e procissões encheram e animaram as ruas com o seu colorido medieval. Essas procissões e essas capellas e essas missas iam lentamente, insensivelmente, á larga sombra da tolerancia dos invasores, minando todo o improvisado edificio hollandez, e reatando devagarinho o fio porventura quebrado da tradição. Á influencia da Igreja Catholica, mais do que a qualquer outra influencia, devemos a victoria do esforço pernambucano de restauração. Nós costumamos falar dum espirito de nativismo do povo a oppor-se ao hollandez. Agora, não será mais licito falar dum espirito catholico em opposição ao espirito estreitamente calvinista do invasor? A reacção religiosa é o fermento de todas as reacções, da mesma forma que a acceitação duma religião implica necessariamente todas as acceitações. O fracasso do sarraceno na península deve-se, puramente, ao conflicto violento das duas religiões—ao conflicto do Crescente com a Cruz. E na eterna insurreição irlandeza o que se vê não é o celta contra o saxão, o que se vê é antes o catholico contra o anglicano.

Entretanto, todo o bello esforço catholico de conservação da tradição, um seculo de independencia vem obliterando tristemente. Um seculo de independencia que é a deformação, a descaracterisação, lenta, methodica, systematica, duma nacionalidade. Primeiro, em 1816, veio a colonia Le Breton: veio monsieur Grandjean de Montigny, o architecto, o qual com o pavilhão grego do palacio da Academia de Bellas Artes, começaria a romper com todo o peso da nossa tradição colonial; veio monsieur Simon Pradier, o entalhador,

*Resistencia
catholica ao
hollandez.*

*Resultado ne-
gativo da in-
dependencia.*

o qual traria para nossa torentica um traço novo e exótico; vieram pintores, vieram esculptores, vieram mechanicos. Só faltou mesmo á illustre caravana o Barão de Haussman, ainda muito moço para seguir viagem...

Tivemos depois o afrancezado Conde da Bôa Vista. E agora a onda dissolvente, standartizadora, das immigrações.

*Um ponta-pé
no barroco e
no colonial.*

Hoje, não se constróe mais nem em barroco nem naquelle estylo colonial, tão intimamente nosso, que só é dado ver ou em raros livros de estampas, ou nos desenhos de algum exquisitão, voltado para o passado, como o curiosissimo Manoel Bandeira, ou em velhos casarões em ruínas — casarões a se espacearem, mollemente, preguiçosamente, para os lados, nas abas largas dos terraços.

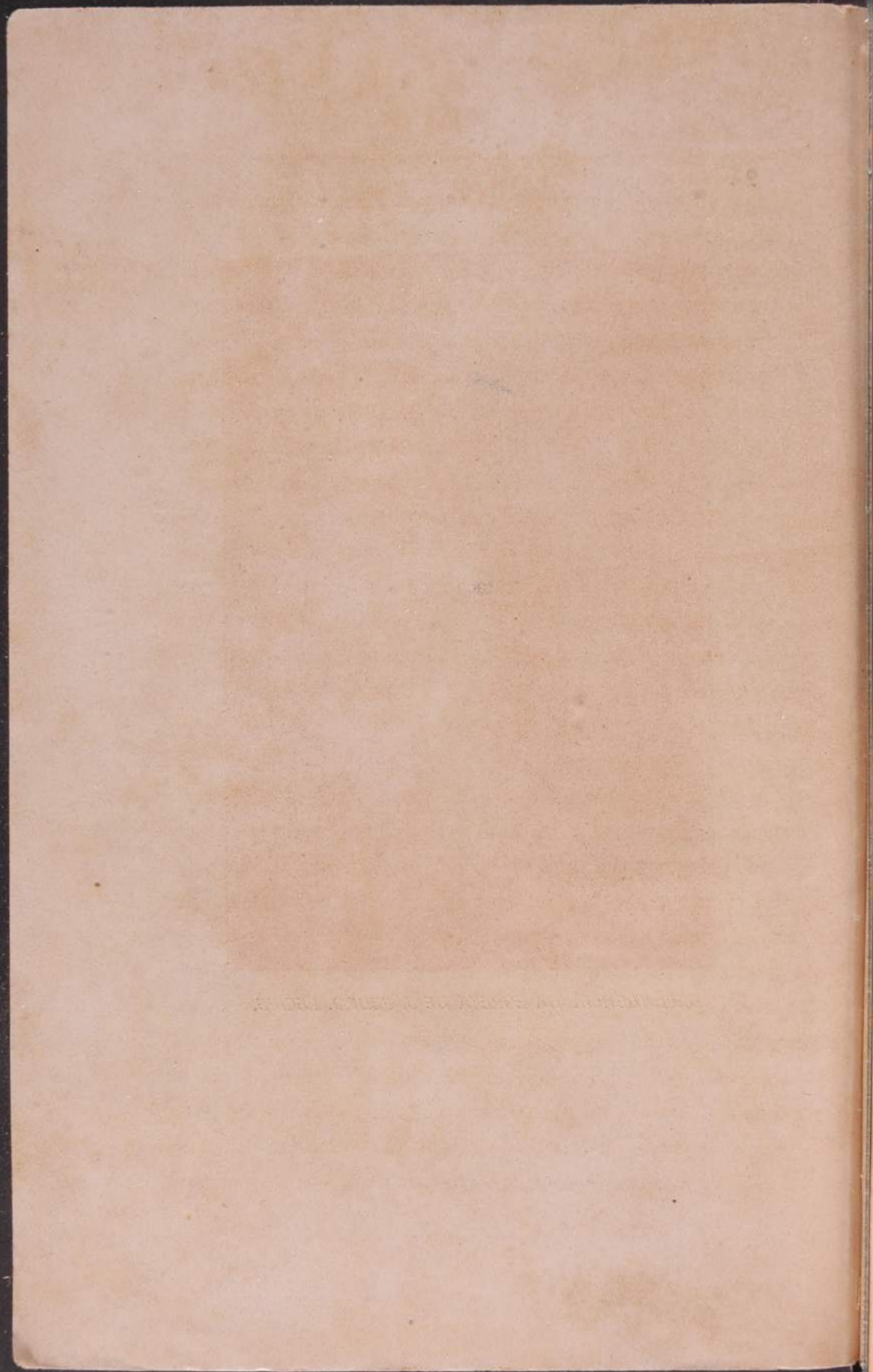
*O barroco e
o mysterio re-
ligioso.*

O barroco é feio; pelo menos já o disse o estheta Gonzaga Duque e tambem cuidou que Sylvio Romero. E está condemnado por todo o mundo, como a expressão do aleijão em architectura. Entretanto, um frontão de igreja recortado no barroco é infinitamente mais suggestivo do mysterio e do ideal religioso, mais symbolico, mais mystico do que esses inexpressivos e hirtos e direitos frontões em triangulo da renascença. Depois, o critério para a adopção dum estylo definitivo no Brasil—no Brasil como em outro qualquer paiz—não deve ser o meramente esthetico. Ha, em primeiro logar, uma linha tradicional a continuar e desenvolver, uma linha a exaltar. O character de nossa architectura, que não está sinão nessa linha a exaltar, na linha caprichosa do barroco, como na linha ingenuamente simples do colonial, prima o mero gosto esthetico. Agora, o ideal seria conseguir o maximo de belleza dentro do character tradicional. Mas mesmo o feio, nosso, é sempre preferivel ao bello alheio. Eu prefiro a igreja de São Francisco á da Bôa Vista ou á da Penha, ou mesmo a ambas juntas. Porque a igreja da Penha e a igreja da Bôa

*O critério da
arte e o crite-
rio do caracte-
ter.*



DEPENDENCIA DA EGREJA DE S. PEDRO. RECIFE.



s
c
c
o
l
h
n
n
b
d
t
c

F
carac
do p
re" e
m
me
re pas
l
do á
l
A
do p

Vista são documentos sem nenhuma significação na historia de nossa architectura, documento de artes absolutamente exóticas. Também, o colonial nada tem de feio. É um estylo simples, honesto, que pouco appella para a imaginação e o senso artistico, mas, em compensação, um estylo em intima sympathy com o nosso meio, e que satisfaz plenamente aquelle ideal de "moralidade" em architectura, que exige uma applicação rigorosamente funcional de espaço, uma escolha de côres e ornamentos de accordo com leis estrictamente organicas, o inteiro abandono de toda imitação e de todo engana-olho—na theoria dum architecto americano. Reparem para o colonial do Circulo Catholico, alli na rua da Aurora. É um edificio sobrio de linhas, sobrio de ornamentação, com o seu beiral arrebitado, em cauda de andorinha, sereno, honesto. docemente contemplativo; entretanto, domina na sua simplicidade todo um quarteirão, como que imprimindo um *cachet* nosso a tudo aquillo.

O colonial e a moralidade architectonica.

Falhos de visão propria, desprovidos duma arte, permanente e característica, que fosse a confissão sincera da nossa vida, pinoteando por toda a nossa historia no rythmo desordenado da "capoeira," é claro que todo esse instincto de dispersão se communicasse tambem á nossa literatura. É uma literatura, a nossa, sem physionomia; uma literatura tão variada nas suas tendencias que não permite essas grandes vistas de conjuncto de que são capazes as grandes literaturas; que não permite a mais corajosa generalisação. Applicado á literatura brasileira, o velho conceito de Villemain, de que a literatura deve ser uma expressão social, falha lamentavelmente. A nossa literatura não vem das camadas profundas das tradições do paiz; não é um movimento de baixo para cima, mas de cima pa-

O instincto da "capoeira" na literatura.

O tapete europeu.

Um hiato.

Burocracia de grammaticos.

ra baixo. É antes imposta aos pendores naturaes do povo, á sua alma, ao seu character mais intimo, por uma pequena minoria livreca, lida em francez, em italiano e em inglez, uma minoria que não pode ser a nossa voz, uma minoria de *deracinés*. O que temos de melhor vem do outro lado do Atlantico. Machado de Assis, de quem tanto nos gabamos, puxa a inglezes. Elle mesmo accusa o parentesco num dos seus livros: Sterne, Thackeray... Os outros são sempre francezes. Agora, o unico que leu literatura européa dum modo mais comprehensivo, assimilando-as brasileiramente e imprimindo ao seu estylo um sentido bem tropical, Euclides da Cunha, esse, ficou só. E o seu grande livro, que é o maior trabalho de conciliação do homem com a terra, em tres seculos de literatura, se deixou escola, foi só na forma. E não podia deixar de ser a forma, de todas as virtudes de Euclides, a unica a ser seguida no Brasil. Ainda estamos nesse periodo em que o sentido intimo das coisas mal se faz advinhar por baixo da superficie. Ainda vemos com olhos de creança. Tambem, não podia passar despercebida a bella forma de Euclides aos olhos de nossos grammaticos. De grammaticos está cheia a nossa literatura. Os grammaticos são para nossa literatura o que os burocratas são para a nação: valores functionalmente negativos, meros sinecuristas. A philologia, aqui no Brasil, está reduzida a uma especie de repartição publica dos incapazes de qualquer esforço creador, creaturas que se ossificam até a fossilisação completa em pequenos nãdas grammaticaes. Com taes elementos, a nossa literatura vae cada vez mais se esterilizando, e nunca será a expressão do *terroir*. Nunca foi a expressão do nosso *terroir*. Os periodos e as correntes mais significativas ainda são ou falsas ou artificiaes. O periodo de formação, com Rocha Pitta, com o autor do "Dialogo das Grandezas do Brasil," com Bento Teixeira Pinto e

outros, e o Indianismo, marcam, o primeiro, um como estado de espanto do homem diante do esplendor da terra, com todos os defeitos duma primeira impressão, o segundo, u'á mera reacção patriótica contra o dominio do espirito portuguez, em nossa literatura—especie de "Independencia ou Morte," romantico, sonoro, applicado á literatura. Tambem o caipirismo não pode ser uma expressão genuinamente nossa, sendo antes a nossa propria caricatura.

"Independencia ou Morte" literario.

Agora, não será licito falar duma cosinha brasileira, ou pelo menos duma cosinha nordestina, que diz mais de nós mesmos do que tres seculos de literatura e de arte? A muitos ha-de parecer estanha, absurda ou ridicula a pergunta. Mas é certo que na cosinha, pondo de parte a literatura e a arte, é onde um povo mais íntima e flagrantemente se mostra. Porque o gosto physico de um povo dá algum modo faz presuppôr o seu gosto esthetico; faz presuppôr mesmo as suas tendencias moraes e religiosas. A cosinha ingleza, sobria, frugal, cosinha de puritanos, está em íntima relação com o espirito inglez. Pode-se dizer mesmo que está em íntima relação com o mysticismo inglez. O mesmo se pode dizer da cosinha franceza, que bem expressa os requintes do espirito francez, da cosinha italiana, da brasileira, da allemã... Eu encontro em nossa cosinha—a saborosa cosinha mestiça do nordeste—a que o côco dá um gosto todo seu—todas aquellas virtudes de que fala Nabuco numa das suas melhores paginas, eu encontro sentimento, tradição, culto da familia, character, religião, nessa cosinha que a todos nós reúne, os do nordeste, como um forte laço nacional.

A cosinha!

O prato e o espirito.

As forças íntimas da cosinha mestiça.

Entretanto, a nossa bôa cosinha, tambem ella, vae desaparecen-

*Pratos em lu-
ta.*

*Um rochedo
consonantal.*

*Reacção culi-
naria.*

do tristemente e refugiando-se no interior, sobretudo nos engenhos, onde as mãos, quase piedosas, de gordas senhoras e de velhas mucamas pretas, continuam a tradição do prato nativo. Vae desapparecendo, batida pelo cardapio cosmopolita dos hotéis. Ora vejam o que eu fui encontrar, no outro dia, num cardapio de hotel: este nome horrivelmente pedregoso na quantidade de consoantes: WURST VON SCHWSIKOPF MIT PEPINO. Espantado, indaguei do *garçon* que diabo era aquillo. Elle nem soube explicar; mas eu cuído ter ouvido alguma coisa parecida com cabeça de porco, cabeça de porco á allemã. É ao contacto do arvezado desses nomes que o nosso patriotismo oratorio todo se rende mollemente; e a patria vae perdendo tudo que é caracteristicamente, pittorescamente seu, para ser apenas a enorme extensão de terra com oito milhões de kilometros quadrados.

Mas, assim mesmo, eu creio numa reacção culinaria, ainda mais do que numa reacção literaria, ou politica, ou artistica. O prato domestico, que nos alimenta desde a tenra meninice, está visceralmente ligado á nossa carne e ao nosso paladar, projectando-se em nós por toda a vida. Dizia Nabuco—nunca é estafante citar o bello pernambucano—que a nós, do norte do Brasil, creados em engenhos, o aroma que vem das grandes tachas de mel nos embriaga toda a vida com a atmosphaera da infancia. Eduardo Prado tambem notou o phenomeno de resistencia dum paladar a identificar-se com prato estranho ao seu. E os hebreus nunca se esqueceram das cebolas do Egypto.

Refere Oliveira Lima que um dia em que Mauricio de Nassau

reunia brilhante cavallhada para festejar a aclamação do Duque de Bragança como rei de Portugal, as duas quadrilhas, a brasileira e a hollandeza, apresentaram-se: dum lado, os brasileiros, geralmente vestidos de velludo preto, no sombrio gosto hespanhol, e do outro lado os flamengos, exhibindo os seus *pourpoints* de côres berrantes. Eram as côres de dois povos, distinctos na sua origem, distinctos na sua historia, distinctos na sua tradição, postas em confronto. Era um torneio de CHARACTER. Nessa cavallhada, o Brasil brilhou mais do que em batalhas victoriosas...

*Torneio de
character.*



TABOLETAS & DISTICOS

Ha uma these falha ahi defendida pelos jornaes a respeito de nomes errados de "placards" e taboletas e disticos de casas humildes.

— E vem o irremediavel appello aos poderes publicos. E a pureza do nosso idioma portuguez. (?) Citação de Camões. E o eterno:

Quando imagina

Com pouca corrupção crê que é latina.

Qual nada. Os "placards," disticos e taboletas que se dizem errados pertencem a physionomia da cidade. Dão um lindo aspecto de naturalidade e de incultura. Lembro-me de Antonio Nobre no "Luzitania no Bairro Latino:"

Senhora Nagonia

Olha, acolá!

Que linda vae com seu erro de orthographia.

Ora nós sabemos que é mais facil boi vôar que se entenderem dois grammaticos, senhores horriveis que a cada passo têm o direito de nos interromper a conversa para dizer, do alto dos seus tamancos, isto é assim, não é assado.

E nos sapecar em cima toda uma enxurrada de Vieiras e Bernardes e Mirandas e citações latinas.

E mesmo não ha grammatica. Não ha portuguez. Ha um individuo que fala e outro que comprehende. Só isto.

Calcullem si não seria detestavel, idiota um lettreiro de casa commercial, um nome de caldo de canna escripto no portuguez classico, castiço que é sem tirar nem pôr o dos senhores Coelho Netto, Afranio Peixoto, Austregesilo e Duque Estrada.

Horrivell

Um exemplo:

Em vez de "É prohibido a entrada:"

—Mister que quem interesse não haja de grande monta não transponha os humbraes.

BENEDICTO MONTEIRO.

JOAQUIM MARIA

Um abraço.

Quer vc. dar-me o gozo de ouvir o num cavaco de alguns minutos?

Ando estes dias com tedio aos livros e prefiro o encanto da sua phrase imprevista e agil. A versatilidade da prosa aclara e areja melhor que a leitura continuada. Concorda?

Vou fazer-lhe uma consulta.

Já encontrou vc. livro que lhe satisfizesse inteiramente o seu ideal de pensamento, de exposição e de estylo?

E se ainda não, julga que existe algum?

Tem-me atormentado um pouco esta questão, porque ainda não topei o meu ideal. Cuido mesmo que não ha.

Meditando sobre isto, levou-me o espirito á geometria carteziana. Fio mesmo que não se pode condicionar uma obra d'arte a um numero qualquer, arbitrario, de condições preestabelecidas.

Ha um numero maximo de pontos captivos a que pode sujeital-a o artista; d'ahi por diante ha mister reconhecer a impossibilidade, salvo em certos casos especiaes.

Não sei se vc. acceita as minhas conclusões.

Leva-me o espirito da geometria analytica a crêr que todos os phenomenos são reductiveis á mathematica, definindo-se em curvas de equações algebricas mais ou menos complicadas.

A estreiteza e a relatividade limitadoras da intelligencia humana é que ainda não permittiram generalizar a lei de reducção.

A ser verdadeiro este acerto, as mais abstractas phantasias dum idealista lírico, como as mais positivas realizações dum lucido realista, reduzem-se em ultima analyse á pura relação de linhas e de numeros.

Verdade é que a interpretação do phenomeno escapa á nossa percepção. E sómente podemos entendel-a pelas generalizações do calculo transcendente.

A exposição de factos comesinhos consente, ás vezes, no entendimento de questões de ordem mais elevada.

Ora, determina-se a linha recta condicionando-a a dois pontos.

Tres tomados arbitrariamente definem as dimensões e a posição de um circulo. Assim para todas as figuras geometricas.

Posto isto, tomando a geometria cartesiana como centro de reducção e analyse, daremos a cada phenomeno uma representação geometrica equivallente. E qualquer que seja a curva encontrada, haverá sempre um numero maximo de pontos determinantes. Pontos cujas coordenadas fixam as condições preestabelecidas maximas possiveis.

Estabelecendo, portanto, a equação geometrica geral duma obra d'arte, teremos o numero maximo de condições a que é possivel sujeitar o esforço creador. Não é verdade? Maior numero de obrigações daria uma representação geo-

metrica imaginaria. Isto quer dizer que esta figura não está limitada por tres dimensões como o nosso mundo. Então a criação imaginada não se realizará com os recursos da nossa pobre intelligencia, incapaz de conceber a vida a quatro, a cinco ou a mais dimensões.

Se o espirito creador está assim limitado, como satisfazer nunca o nosso ideal de perfeição?

Para haver liberdade total de criação, seria forçoso satisfazer m dimensões. Comprehender a vida a m dimensões, seria a concretização da metageometria com que sonha o abbade Moreux.

Variando m ao infinito, seria necessario um poder creador infinito e cahiriamos no mundo da não-forma dos orientaes, que é paradoxalmente e scientificamente o caso geral da forma.

Mas tudo isto é inaccessible ao espirito humano. Não passa de vagas abstracções que pedem muito esforço e dão muito pouco.

Voltemos á eterna imperfeição das obras d'arte, a que mais nos afflige.

Vimos que ha um numero maximo de pontos captivos a que se pode sujeitar o esforço creador. Pode-se, comtudo, augmentar este numero em casos especiaes. Do mesmo modo porque se pode fazer passar um circulo por quatro, cinco ou mais pontos. A difficuldade está em dispor estes pontos de modo que tres quaesquer delles determinem um circulo que passe forçosamente pelos outros.

Assim a obra d'arte. Desde que o artista se imponha condições taes que satisfeitas algumas—o maximo—as outras se satisfaçam forçosamente. Isto quer dizer que o artista teria de sujeitar-se a estas obrigações mesmo se não fossem previstas.

O valor do artista está, pois, não em vencer difficuldades impossiveis, mas em descobrir por calculo ou intuição as situações especiaes de mais amplitude e harmonia em que parece illudir as leis infringiveis dos numeros.

Será tanto melhor o artista quanto maior o numero apparente de condições previstas e diversas que se satisfazem e se harmonizam ao mesmo tempo.

A illusão é o grande encanto da vida. Não é assim?

Para onde quer que olhemos a miragem é maior e mais bella do que a realidade. E os homens se delicias sempre na contemplação d'ella. Por ser menos precisa é mais suggestiva, e quase sempre contenta o instincto humano de liberdade e rebeldia. Rebeldia ante os dispositivos inviolaveis da vida que limitam e tolhem a acção, mas que nada podem contra a abstracção vertiginosa do pensamento.

E surgem assim os artistas e os pensadores creando as miragens mais enganadoras, mesmo que se cuidem adstrictos ás contingencias immediatas da vida objectiva.

É illudindo e illudidos pela incapacidade humana de distinguir entre o real e o ficticio que cremos a realidade capaz de exceder ás mais ousadas phantasias.

Nada caracteriza tão bem a nossa impotencia de delimitar o possível.

Como, pois, satisfazer a ancia nossa de perfeição?

E dado que fosse possível a realização duma obra satisfazendo inteiramente as exigencias deste ideal, teriamos nós força bastante para entendel-a e sentil-a?

Se vc. me acompanhou nessas conjecturas aridas e cançativas ha-de estar fatigado.

E que ganhámos?—Nada.

E que perdemos?—O tempo. E sobretudo a sua prosa versatil e recreativa.

Seria melhor ter-me limitado a ouvil-o, sobre as impressões instantaneas e multiplas e vivas da vida que passa.

Teria arejado o espirito, em vez de intoxical-o mais ainda.

Adeus, outro abraço.

João Carlos.

